Faculdade Frassinetti do Recife

Av. Conde da Boa Vista, 921 - Boa Vista, Recife - PE, 50060-002

fone: (81) 2122-3500 fax: (81)3423-3066

Disciplina: Biologia da conservação – Profª Dinabel – Turma: Ciências Biológicas – Período: Noite

Aluna: Júlia Marley Nascimento da Silva

**RESUMO ARTIGO 1**

Prioridade para conservação: a linha tênue que separa teorias e dogmas

Podemos analisar através da leitura do artigo “prioridade para conservação” a questão da problemática da preservação da natureza, já que nossos governantes não vê essa questão como bem “lucrativo”, onde só haverá gastos financeiros para os demais. Podemos observar a falta de importância que se dá a conservação biológica no nosso habitat.

Porém, mesmo com os fatores de riscos para a preservação da biodiversidade, fauna e flora, podemos contar com a ajuda de vários profissionais que visam e buscam a defesa e conservação biológica em nosso meio, como por exemplo os profissionais da ecologia que buscar ajudar na solução de problemas referente ao estabelecimento de prioridades para conservação.

Algumas teorias já foram desenvolvidas para explicar a variação em riqueza de espécies durante o tempo ecológico. Ela propõe que essa variação em riqueza pode ser constante durante o tempo ecológico, ainda que a composição taxonômica mude. Tal teoria representou um grande avanço, pois até então assumia-se que a estrutura de comunidades de ilhas oceânicas era estática e resultava de eventos únicos de migração e extinção. Apesar dessas limitações, a TBI se consagrou e evoluiu, ao longo do tempo, com re-leituras, revisões e adições (Brown & Lomolino, 1989; Hubbell, 2001). Ela consiste num pilar das chamadas teorias neutras em Ecologia (ver discussão sobre teorias neutras vs. teorias de nicho em Scarano & Dias, 2004). Mais que isso, mesmo se tratando mais de uma teoria descritiva de um padrão do que propriamente explicativa dos processos que levam ao padrão, seu conteúdo foi rapidamente incorporado à prática da conservação. Observamos que os méritos da TBI são inegáveis, mas não deixa de ser curioso como uma teoria nitidamente problemática venha se prestando tão decisivamente a aplicações práticas quanto à aplicação do desenho de reservas. O maior risco num cenário como este é que elementos derivados de uma teoria insuficientemente robusta passem a se tornar dogmas, ou artigos de fé, como os chamaria Odum (1975). Um exemplo de dogma, que se depreende da TBI, assim como de estudos posteriores acerca do efeito de fragmentação de habitats (ver Murcia, 1995; Laurance et al., 1997, 1998; Didham & Lawton, 1999), é que fragmentos menores seriam menos prioritários para conservação que fragmentos maiores em tamanho. O efeito de borda (alterações físicas e microclimáticas nas bordas dos fragmentos, por vezes com reflexo no seu interior, implicando redução de diversidade e outras alterações bióticas) seria um dos principais responsáveis por isso.

Tratando-se do equilíbrio dinâmico, ou estabilidade, encontrado por MacArthur & Wilson (1967) se referia a uma relativa constância no número de espécies apesar de mudanças em composição. Estabilidade seria, portanto, uma propriedade emergente de ecossistemas e rapidamente tornou-se evidente que se trata de um importante parâmetro a se estimar para determinar a necessidade de conservação de um dado ecossistema (Doak & Marvier, 2003). Opostos aos ecossistemas estáveis estão os ecossistemas frágeis, que apresentam baixa resistência e/ou resiliência diante de perturbações. Assim, ecossistemas frágeis provavelmente seriam prioritários em comparação aos estáveis e, desta forma, estimar a estabilidade poderia constituir passo importante para traçar prioridades de conservação. Contudo, esta não é uma tarefa trivial. Existem diversas formas indiretas de se estimar estabilidade, e a ausência de medidas diretas em si já caracteriza a limitação destas ferramentas. Por exemplo, a estabilidade de um ecossistema pode ser estimada: a) a partir de sua resiliência após perturbação; b) a partir da sua complexidade; ou c) a partir da sua dimensão fractal. Discuto brevemente cada um dos três casos a seguir.

Assim também como a consolidação dos dogmas discutidos anteriormente, a partir de teorias insuficientemente robustas e/ou do pouco entendimento de conceitos ecológicos, reflete diretamente na tomada de decisão e no estabelecimento de prioridades para conservação. Um exemplo recente de estabelecimento de prioridade é a classificação dos biodiversity hotspots proposta por Myers et al. (2000) e discutida neste volume no capítulo do Programa CBC-Mata Atlântica (2004). Esta classificação aponta 25 biomas no planeta como prioritários para conservação, baseado nos seguintes critérios: alta diversidade numérica de espécies, altos níveis de endemismos e altas taxas de destruição de habitat. Dois biomas brasileiros atendem aos critérios: a mata atlântica e os cerrados. Esta riqueza não tem sido prioridade de conservação no Brasil e não está contemplada na classificação de hotspots e outras existentes. Se focalizarmos o exemplo das restingas, estes biomas têm baixo grau de endemismo e diversidade alta, embora inferior à da mata atlântica sensu stricto, e, talvez por esta combinação de fatores, só recentemente o Brasil teve mais uma dentre poucas unidades de conservação federal criada em restingas: o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, em 1998. Barbosa et al. (2004) discutem o conjunto de argumentos utilizados para convencer os tomadores de decisão da necessidade de criação do parque. Além das “desvantagens” relacionadas à menor diversidade e ao baixo endemismo, a área, por se tratar de uma zona de praia, também não se encaixava na recomendação de “unidades circulares ao invés de lineares”, decorrente da TBI. Felizmente prevaleceu o princípio de que processos são mais prioritários a serem conservados que espécies e o Parque veio a ser criado. A esta altura, um leitor mais crítico pode argumentar que a ciência não respeita fronteiras e que o arcabouço teórico produzido no mundo desenvolvido pode e deve ser aplicado no mundo todo e, em geral, o é de fato (ver Drori et al., 2003, para discussão sobre a globalização da ciência). A pesquisa ecológica brasileira, que defendo ser essencial para uma melhor conservação dos nossos recursos naturais, tem produzido uma grande gama de interessantes casos de história natural e tem, em bem menor freqüência, testado hipóteses e/ou teorias que são em geral produzidas no mundo desenvolvido, conforme já discutido. Embora esta produção seja claramente relevante, a baixa produção de teorias leva a problemas na escala global e na escala local. O problema local é de caráter estratégico. Horrocks (2002) afirma que a ciência hoje é mais importante do que nunca, não só pelas suas metas de responder às grandes questões sobre a vida, mas também por causa de suas relações com o capital multicorporativo e globalizado e com o complexo militarindustrial. Daí emergirem grandes contradições quando a ciência se confronta com problemas locais relacionados à desigualdade econômica, discórdias morais e éticas e indiferença política. Como sugere Lyotard (1979/1988), informação e conhecimento são as mais valiosas moedas correntes do mundo pós-moderno. A ciência transforma informação em conhecimento através da teoria. Logo, se o Brasil não produzir teoria ecológica, a resultante é que teremos de “comprar” conhecimento e tecnologia aplicáveis à conservação da biodiversidade, os quais, num cenário de mudanças globais, serão “produtos” vendidos certamente a um preço muito alto.

**PALAVRAS QUE NÃO CONHEÇO E SUAS DEFINIÇÕES**

Hotspots - também chamados de hotsposts de biodiversidade, podem ser definidos como áreas com grande biodiversidade, ricas principalmente em espécies endêmicas, e que apresentam alto grau de ameaça. Essas áreas são, portanto, locais que necessitam de atenção urgente, sendo consideradas prioritárias nos programas de conservação.

**Arcabouço é uma estrutura, o** esqueleto **no caso dos humanos e animais, e também** um conjunto em que algo é baseado **e construído.** No sentido figurado, arcabouço é a capacidade de produzir algo. Ter um arcabouço teórico quer dizer ter a base ou direcionamentos intelectuais formados a partir da leitura de uma bibliografia. Constitui o instrumental necessário para compreender novas teorias, desenvolver teses ou simplesmente embasar uma opinião.